

Construções interrogativas multimodais em Libras: o papel de *mouthings* e de *mouth gestures*

Multimodal Interrogative Constructions in Libras: The Role of Mouthings and Mouth Gestures

João Paulo da Silva Nascimento¹

Resumo: A comunicação humana tem sido amplamente descrita, nas últimas décadas, como essencialmente multimodal, posto que envolve a integração coordenada de múltiplos recursos semióticos na construção do significado (Kenneally, 2007; Zima, 2025). Entretanto, conforme Schembri, Cormier e Fenlon (2018), Lepic e Occhino (2018) e Pêgo (2023), embora essa perspectiva tenha sido amplamente aplicada às línguas orais-auditivas, sua incorporação aos estudos das línguas de sinais ainda apresenta desafios teóricos importantes, dado que, frequentemente, a multimodalidade nessas línguas é reduzida à dimensão visual-espacial, como se o canal de materialização já esgotasse a discussão. Partindo dessa lacuna, em um movimento teórico, o presente artigo se propõe a discutir a seguinte questão: se a comunicação humana é essencialmente multimodal, como podemos analisar a multimodalidade na sinalização de pessoas surdas para além da caracterização visual-espacial? Mais especificamente, investigamos a relevância da boca na sinalização, seja em articulações-boca (*mouthings*), oriundas de contato linguístico, seja em gestos-boca (*mouth gesture*), línguo-específicos, e quais implicações isso traz para modelos gramaticais e analíticos baseados no uso. A partir de uma análise inicial do papel da boca em pronomes interrogativos extraídos da sinalização espontânea, nosso objetivo é propor elementos teóricos para uma abordagem multimodal de línguas de sinais que considerem a integração entre diferentes camadas da sinalização, de modo a pavimentar caminhos para análises futuras que venham a ser realizadas nesta frente de trabalho.

Palavras-chave: Multimodalidade. Línguas de Sinais. Pronomes interrogativos.

Abstract: Human communication has been widely described, in recent decades, as essentially multimodal, since it involves the coordinated integration of multiple semiotic resources in the construction of meaning (Kenneally, 2007; Zima, 2025). However, according to Schembri, Cormier and Fenlon (2018), Lepic and Occhino (2018), and Pêgo (2023), although this perspective has been extensively applied to spoken languages, its incorporation into sign language studies still presents important theoretical challenges, given that multimodality in these languages is often reduced to the visual-spatial dimension, as if the channel of materialization alone exhausted the discussion. Starting from this gap, and adopting a theoretical approach, this article seeks to discuss the following question: if human communication is essentially multimodal, how can we analyze multimodality in deaf signers' communication beyond its visual-spatial characterization? More specifically, we investigate the relevance of the mouth in signing, whether through mouth articulations (arising from language contact) or mouth gestures (language-specific), and the implications this brings to usage-based grammatical and analytical models. Based on an initial analysis of the role of the mouth in interrogative pronouns extracted from spontaneous signing, our objective is to propose theoretical elements for a multimodal approach to sign languages that considers the integration between different layers of signing, thus paving the way for future analyses to be carried out within this line of research.

Keywords: Multimodality. Sign Languages. Interrogative pronouns.

¹ Docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, Departamento de Estudos da Linguagem, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço-eletrônico: jpn0401@gmail.com.

Introdução

Nas últimas décadas, os estudos da linguagem têm testemunhado um deslocamento teórico significativo em direção a uma compreensão holística dos processos comunicativos humanos (Pinheiro, 2024). Em oposição a modelos que tratam a linguagem como um sistema essencialmente abstrato e autossuficiente, diferentes abordagens contemporâneas têm enfatizado o caráter situado, corporificado e multimodal da comunicação, o que pavimenta novos horizontes para a análise linguística. Nessa perspectiva, como assinala Ladewig (2020), a produção de significado não pode se restringir à ativação de estruturas linguísticas convencionalizadas, mas deve contemplar, ainda, a emergência da articulação dinâmica entre múltiplos recursos mobilizados simultaneamente na interação, os quais são típicos do que entendemos por linguagem humana (Kenneally, 2007).

Essa concepção tem levado ao reconhecimento de que a comunicação humana se organiza por meio da integração coordenada de diversos modos de expressão, incluindo fala/sinalização, gestos, expressões faciais, direcionamento do olhar, postura e outras formas de ação corporal que participam ativamente da construção do sentido. Assim, a multimodalidade não é entendida como um fenômeno acessório à linguagem, mas como uma propriedade constitutiva das práticas comunicativas, dado que a linguagem, nesse enquadramento, é concebida como um processo profundamente ancorado no corpo e na interação, no qual diferentes recursos se combinam para estruturar a produção e a interpretação dos enunciados.

De acordo com Cienki (2016) e Forceville (2021), esse deslocamento teórico tem promovido avanços importantes na descrição da linguagem em uso, especialmente no campo das línguas orais-auditivas. Na medida em que demonstram que gestos, movimentos corporais e expressões faciais desempenham papéis sistemáticos na organização da produção linguística, os estudos de multimodalidade têm contribuído para ampliar a compreensão das formas pelas quais estruturamos e negociamos significados na interação. Diante disso, em vez de serem tratados como elementos meramente ilustrativos ou redundantes, esses recursos têm sido reconhecidos como componentes integrados do processo comunicativo, frequentemente participando da construção semântica, da organização da referência e da gestão da informação no discurso.

Nesse cenário, a multimodalidade tem se consolidado como uma perspectiva analítica capaz de revelar a complexidade dos processos comunicativos humanos e evidenciar que a produção de significado resulta da coordenação entre diferentes camadas expressivas da atividade linguística. Entretanto, embora essa abordagem tenha sido amplamente explorada no estudo das línguas orais-auditivas, sua incorporação aos estudos das línguas de sinais ainda apresenta desafios teóricos importantes (cf. Janzen; Shaffer, 2023; Pêgo, 2023). Uma das dificuldades recorrentes nesse campo decorre da tendência de associar diretamente a multimodalidade das línguas de sinais à sua modalidade de realização visual-espacial: como esses sistemas linguísticos se materializam por meio de movimentos das mãos, do corpo e da face no espaço visual, o senso comum acaba tratando equivocadamente a multimodalidade como uma característica já plenamente explicada pela própria natureza física e perceptual da sinalização. Entendemos que embora esse enquadramento reconheça corretamente o canal sensório-motor envolvido na produção dessas línguas, ele pode conduzir a uma compreensão restrita do fenômeno multimodal, reduzindo-o.

A nosso ver, tal redução analítica obscurece uma questão fundamental para os estudos da linguagem: se a multimodalidade diz respeito à integração funcional de diferentes recursos semióticos na construção do significado (cf. Cienki, 2016; Forceville, 2021), então não basta afirmar que as línguas de sinais são visuais-espaciais. Com efeito, torna-se necessário investigar de que maneira distintos recursos expressivos se articulam no interior da sinalização e quais papéis desempenham na organização do significado. Em outras palavras, a discussão sobre multimodalidade nas línguas de sinais não pode se limitar ao reconhecimento de seu canal de realização, já que deve considerar também a forma como diferentes componentes expressivos se coordenam na atividade comunicativa.

Essa problematização torna-se ainda mais relevante quando consideramos que, nos estudos das línguas orais-auditivas, diversas pesquisas têm demonstrado a existência de gestos co-verbais que se integram funcionalmente à fala, os quais contribuem para a construção de significados que não se encontram plenamente codificados no sistema linguístico (Lisboa; Avelar, 2022). Diante disso, surge uma questão central para os estudos das línguas de sinais: seria possível identificar, também na sinalização, recursos expressivos que desempenhem funções comparáveis àquelas atribuídas aos gestos na

fala? Caso essa hipótese se confirme, quais seriam os limites entre os componentes convencionalizados do sistema linguístico e outros recursos corporais mobilizados na interação?

Essas perguntas, no mínimo, apontam para a necessidade de repensar uma gama de modelos até então utilizados na descrição de línguas de sinais, especialmente no que diz respeito à delimitação entre língua, gesto e outras formas de ação corporal envolvidas na interação sinalizada. Ao mesmo tempo, indicam a importância de desenvolver abordagens teóricas capazes de capturar a complexidade multimodal da sinalização sem reduzir esse fenômeno à descrição das especificidades da modalidade visual-espacial.

Partindo dessas questões, este artigo se organiza em torno da seguinte pergunta: se a comunicação humana é essencialmente multimodal, como podemos analisar a multimodalidade na sinalização de pessoas surdas para além da caracterização visual-espacial? Mais especificamente, buscamos investigar o papel das articulações-boca (*mouthings*) – frequentemente associadas ao contato linguístico – e dos gestos-boca (*mouth gesture*) – de natureza línguo-específica –, bem como as implicações desses elementos para modelos gramaticais e analíticos de orientação baseada no uso. Nesse sentido, compreendemos a boca como um articulador multimodal que pode assumir, em determinados contextos, funções comparáveis às dos gestos co-verbais descritos para línguas orais-auditivas e, em outros, integrar de maneira estrutural e convencionalizada a organização linguística da sinalização. O objetivo deste trabalho, portanto, é propor um debate inicial sobre elementos teóricos para uma abordagem multimodal das línguas de sinais, considerando a integração entre diferentes camadas da sinalização e visando contribuir para o avanço das reflexões sobre multimodalidade no campo da linguística das línguas de sinais².

Para tal, além desta introdução, o artigo se organiza em quatro seções. Na primeira, discutimos os fundamentos teóricos da multimodalidade nos estudos da linguagem, enfatizando a compreensão da comunicação como um processo corporificado e integrado, sem prescindir dos apontamentos relativos à gramática e ao uso. Em seguida, examinamos

² Lembramos a(o) leitor(a) que o presente artigo possui um viés mais reflexivo e teórico, em que exploramos a potencialidade da discussão em tela para o que se entende por multimodalidade no âmbito das línguas de sinais. Como a pesquisa se refere a um estágio pós-doutoral em andamento, indicamos que uma análise mais robusta de dados será demonstrada em publicação futura, prevista em nossa agenda de trabalho.

o modo como a multimodalidade tem sido (e pode ser) abordada nos estudos das línguas de sinais, destacando limites e desafios analíticos dessa literatura. Em continuidade, na terceira seção, são debatidas as bases teórico-metodológicas para o estudo de *mouthing* e *mouth gesture* em perspectiva multimodal filiada à linguística baseada no uso, pavimentando os caminhos para a apresentação de uma proposta de reflexão teórica a partir de casos dos pronomes interrogativos em Libras, conforme debatemos na quarta seção. Por fim, discutimos as implicações dessa perspectiva para a análise das línguas de sinais e indicamos caminhos para investigações futuras.

Multimodalidade, gramática e uso

Há diversas formas de abordar a relação entre multimodalidade, gramática e experiência linguística. Neste trabalho, apostamos em um enquadramento teórico ancorado nos Modelos Baseados no Uso (MBU). Desse modo, nesta seção dedicamo-nos a articular esses três eixos à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), enfatizando suas inter-relações e implicações para a compreensão da linguagem humana.

Inicialmente, ponderamos que a incorporação da multimodalidade ao escopo da GCBU impõe uma reavaliação de pressupostos fundamentais, especificamente sobre a natureza do *constructicon* (i.e. gramática) e do que se considera pareamento convencional de forma-sentido (i.e. construção). Partindo da constatação de que o uso é, em sua forma mais prototípica, intrinsecamente multimodal, Zima (2025) aponta a necessidade de questionar modelos que, historicamente, deram ênfase ao canal verbal, sobretudo em sua forma escrita, como *locus* privilegiado da estrutura gramatical. Nesse sentido, uma abordagem centrada no uso não pode ignorar que os dados a partir dos quais abstraímos padrões linguísticos são, por definição, compostos por múltiplas entradas semióticas que operam de maneira integrada na interação face a face, seja ela via modalidade oral-auditiva, seja via visual-espacial.

Nessa abordagem, a linguagem, entendida como prática social situada, emerge em contextos nos quais fala/sinalização, gesto, olhar, expressões faciais/corporais e recursos prosódicos coatuam (Hoffmann, 2021). Trata-se de uma perspectiva que desloca a noção tradicional de enunciado como unidade puramente verbal e abre espaço para concepções

mais amplas, como a de “enunciados compostos”, como chama Zima (2025), nos quais diferentes modalidades contribuem para a significação de forma coordenada. Por essa razão, Zima (2025), Hoffmann (2021) e Turner (2018) apontam que tal reposicionamento teórico aproxima a GCBU de áreas como a Análise da Conversa, a Linguística Interacional e os Estudos do Gesto, que há mais tempo reconhecem o caráter multimodal da interação humana.

No âmbito da GCBU, a noção de construção como pareamento simbólico entre forma e significado, tal como proposto em Croft (2001) e Goldberg (1995; 2006; 2019), precisa ser tensionada à luz dessa complexidade. Podemos aqui propor o seguinte questionamento: se construções são abstraídas a partir do uso recorrente, e se o uso é multimodal, então surge uma questão central: até que ponto as construções podem, ou devem, ser consideradas entidades multimodais? Uma série de trabalhos vêm compondo evidências de que a resposta a essa questão não é trivial, pois implica redefinir, principalmente, o que conta como “forma” no pareamento construcional (Zima, 2025; Hoffmann, 2021; Turner, 2018; Zima; Bergs, 2017).

Tradicionalmente, a noção de “forma” tem sido concebida sobretudo em termos fonológicos e morfossintáticos. No entanto, uma abordagem multimodal demanda sua ampliação, de modo a incorporar também parâmetros gestuais, prosódicos e visuais-espaciais. Ademais, essa ampliação implica necessariamente repensar o próprio conceito de “gesto”, especialmente quando consideradas as especificidades das línguas de sinais, nas quais elementos gestuais se articulam como componentes estruturais do sistema linguístico, aparentemente de modo mais entrincheirado.

Apesar das críticas pertinentes levantadas a essa perspectiva de análise (cf. Ziem, 2017), compreendemos que essa discussão se ancora diretamente na tese baseada no uso, segundo a qual o conhecimento linguístico é resultado da organização cognitiva da experiência com a linguagem (Bybee, 2010). Se tal experiência envolve sistematicamente a coocorrência de elementos verbais e não verbais, então não há razão teórica convincente para restringir o processo de abstração a apenas um desses domínios. Ao contrário, como verificado por Schoonjans (2017), a própria coerência interna do modelo da GCBU sugere que padrões multimodais recorrentes podem dar origem a unidades cognitivas igualmente relevantes. Isso levanta, por sua vez, o problema de onde e como esse conhecimento

multimodal é representado: seria ele parte do *constructicon*³, isto é, da rede de construções/gramática do indivíduo, ou residiria em um nível distinto de organização do conhecimento?

Uma das principais dificuldades apontada por Zima (2025) reside na operacionalização do critério de recorrência. Embora a frequência de uso seja tradicionalmente considerada um fator central para a emergência e o entrenchamento de construções, no domínio multimodal essa variável se torna mais complexa. Isso se deve, entre outros fatores, à variabilidade inerente aos recursos não verbais, à sua relativa independência temporal em relação ao fluxo verbal e à multiplicidade de funções que podem desempenhar, nem sempre diretamente relacionadas ao conteúdo semântico do enunciado. Assim, a simples coocorrência frequente entre um padrão verbal e um gesto não é suficiente, por si só, para estabelecer o estatuto construcional dessa associação.

Diante desse cenário, Suwei (2022) aponta que diferentes propostas têm sido formuladas para modelar a multimodalidade no âmbito da GCBU. Uma posição mais restritiva sustenta que apenas padrões que envolvem elementos não verbais obrigatórios, ou seja, cuja ausência compromete a interpretabilidade do enunciado, devem ser considerados construções multimodais propriamente ditas. Esse seria o caso, por exemplo, de certas construções dêiticas que dependem de gestos para a especificação de referentes ou propriedades espaciais (Ladewig, 2020; Zima, 2025), ou de construções sinalizadas com a presença obrigatória do *mouthings* (Pêgo, 2023; Nascimento, 2025). Nesses casos, seria plausível apontar que o componente gestual integraria o polo formal da construção de maneira indispensável.

Por outro lado, ainda consoante Suwei (2022), abordagens mais flexíveis, argumentam que a multimodalidade não deve ser reduzida a um critério binário de obrigatoriedade. Em vez disso, propõem conceber as relações entre elementos verbais e não verbais como associações graduais, cuja força depende tanto da frequência de coocorrência quanto da interdependência semântico-pragmática. Nesse quadro, padrões multimodais recorrentes não necessariamente constituem construções autônomas, mas podem ser representados como vínculos dentro de uma rede construcional, refletindo

³ Termo utilizado na GC para designar a rede estruturada de todas as construções de uma língua/de um indivíduo, isto é, o inventário de pareamentos convencionais entre forma e significado, organizados em diferentes níveis de abstração e inter-relacionados por vínculos de herança e similaridade (Goldberg, 2006).

diferentes graus de entrincheiramento. Tal perspectiva permite acomodar a variabilidade observada nos dados empíricos sem abrir mão do princípio de que o conhecimento linguístico é sensível ao uso.

Zima (2025) e Hoffmann (2021) apontam, ademais, uma terceira via que consiste em deslocar o foco analítico da construção para o enunciado como unidade multimodal. Nessa abordagem, a gramática não é concebida exclusivamente como um inventário de pareamentos forma-significado, mas como um conjunto de recursos que podem ser mobilizados na produção de enunciados complexos, nos quais diferentes modalidades são integradas de maneira dinâmica. Embora relativamente ainda pouco elaborada no Brasil, defendemos que essa perspectiva pode enfatizar o caráter processual e emergente da linguagem, na medida em que destaca o papel do contexto e da interação na configuração dos padrões multimodais.

Fato é que, independentemente da posição adotada, há um consenso crescente de que a multimodalidade nos faz questionar a ideia de que a linguagem seria um sistema autônomo e isolado de outras formas de ação comunicativa. Ao contrário, os dados linguísticos indicam que a produção e a compreensão de enunciados envolvem a coordenação de múltiplos sistemas semióticos, cuja articulação é fundamental para a construção de sentido, o que implica reconhecer que a gramática, longe de ser um sistema fechado, está profundamente enraizada em práticas corporificadas, situadas e multimodais (Forceville, 2021).

Nesse contexto, a análise qualitativa dos dados assume papel central, uma vez que mais do que contabilizar frequências de coocorrência, torna-se essencial investigar como e por que determinados recursos multimodais são mobilizados em situações específicas. Estudos como os de Turner (2018) e Lisboa e Avelar (2022) têm mostrado, por exemplo, que gestos podem desempenhar funções de especificação semântica, de organização discursiva ou de gestão da interação, o que indica que sua contribuição para o significado não é uniforme nem previsível apenas a partir da estrutura verbal. Assim, a compreensão da multimodalidade exige uma abordagem que articule descrição formal, análise funcional e sensibilidade ao contexto interacional.

Por isso, a incorporação da multimodalidade à GCBU reforça a necessidade de uma perspectiva interdisciplinar. A complexidade dos fenômenos em jogo demanda o diálogo

com áreas como as ciências cognitivas, a psicologia, a análise da conversação e os estudos do gesto, de modo a garantir que os modelos teóricos sejam compatíveis com o que se sabe sobre processamento, aquisição e uso da linguagem. Ao mesmo tempo, entendemos que essa abertura pode ampliar o alcance explicativo da linguística, de modo a permitir uma compreensão realista da linguagem enquanto prática humana. Com efeito, pensar a relação entre multimodalidade, gramática e uso implica reconhecer que a linguagem não se esgota no verbal, mas se constitui como um sistema dinâmico de recursos semióticos interdependentes, mesmo quando o ‘verbal’ se materializa pela modalidade visual-espacial, como no caso das línguas de sinais.

Línguas de sinais: muito além das mãos

Durante muito tempo, as línguas de sinais foram concebidas, no imaginário social e mesmo em parte da tradição acadêmica, como sistemas comunicativos centrados exclusivamente na articulação manual. Essa representação, amplamente difundida por materiais didáticos, registros visuais e produções midiáticas, contribuiu para a consolidação de uma visão parcial segundo a qual sinalizar equivaleria, fundamentalmente, a produzir gestos com as mãos organizados no espaço. Embora essa caracterização não seja inteiramente equivocada, ela se mostra insuficiente para dar conta da complexidade estrutural das línguas sinalizadas.

A linguística, especialmente a partir da segunda metade do século XX, tem demonstrado de forma consistente que a comunicação sinalizada envolve a coordenação simultânea de múltiplos articuladores corporais (Battison, 2013; Emmorey; Klima; Hickok, 1998). Nesse contexto, o corpo deixa de ser entendido como suporte da linguagem e passa a ser reconhecido como o próprio sistema articulatório por meio do qual significados são construídos, organizados e transmitidos. Entendemos que tal perspectiva implica uma ampliação da própria noção de linguagem humana, deslocando-a de uma concepção estritamente vocal-auditiva para um entendimento multimodal, no qual diferentes canais perceptivos e motores são mobilizados de maneira holística.

A mudança de paradigma que sustenta essa reconfiguração teórica está diretamente relacionada ao reconhecimento das línguas de sinais como línguas humanas completas,

dotadas de gramática própria, transmitidas socialmente e adquiridas de forma espontânea por crianças surdas em contextos de interação. As pesquisas de Stokoe (1960; 1978), Grosjean (1979), Battison (1995), Hickok, Bellugi e Klima (2001), entre tantos outros, foram fundamentais para demonstrar que tais línguas apresentam níveis estruturais comparáveis aos das línguas orais-auditivas, ainda que organizados em uma modalidade distinta, bem como exibem representação hemisférica. Nesse sentido, como já muito veiculado, a diferença entre línguas orais-auditivas e línguas de sinais não reside em grau de complexidade, mas na modalidade em que se realizam: enquanto as primeiras se estruturam no canal oral-auditivo, as segundas operam na modalidade visual-espacial.

Apesar de essa ser uma obviedade, julgamos aqui que tal mudança modal implica consequências importantes para a arquitetura da linguagem, como propõem Wilcox, Rocío e Syiavoshi (2024). Diferentemente das línguas orais-auditivas, que se organizam predominantemente de forma linear no tempo, as línguas de sinais exploram de maneira sistemática a simultaneidade, o que significa que múltiplas camadas de informação podem ser expressas ao mesmo tempo por diferentes partes do corpo, configurando uma estrutura multidimensional de significação. Nesse arranjo, parâmetros tradicionalmente descritos como manuais (e.g. configuração de mão, movimento, localização e orientação) articulam-se de forma indissociável a componentes não manuais, incluindo expressões faciais, movimentos da cabeça, direção do olhar, inclinação do tronco e, de maneira particularmente relevante para esta discussão, os movimentos da boca (Giustolisi; Mereghetti; Cecchetto, 2017).

Os componentes não manuais não constituem elementos periféricos ou meramente expressivos; ao contrário, como aponta Bahan (1996), integram a gramática das línguas de sinais de maneira sistemática e convencionalizada, são adquiridos por usuários nativos desde a infância e desempenham funções linguísticas em todos os níveis de análise. Ignorá-los, portanto, equivale a considerar apenas parcialmente o sistema linguístico em questão. Nesse cenário, a boca emerge como um articulador cuja relevância tem sido progressivamente reconhecida, embora ainda seja frequentemente subestimada em contextos de ensino, descrição linguística e divulgação científica.

De acordo com Giustolisi, Mereghetti e Cecchetto (2017) e Bauer (2019), a análise dos movimentos labiais em línguas de sinais revela que a boca desempenha múltiplas

funções estruturais. Em primeiro lugar, observa-se sua participação na constituição de contrastes lexicais. Em determinados casos, sinais que apresentam configurações manuais semelhantes ou idênticas podem ser diferenciados por meio de padrões específicos de articulação labial, como ocorre em casos de palavras-QU em Libras. Isso implica reconhecer que o significado de um sinal não está contido exclusivamente na mão, mas resulta da integração simultânea entre parâmetros manuais e não manuais, o que inclui a boca. Tal fenômeno evidencia o caráter composicional e distribuído da forma linguística nas línguas sinalizadas, o qual se mostra incapturável por modelos que privilegiam uma segmentação linear da linguagem.

Além disso, conforme verificado em Pêgo (2023), a boca atua de maneira significativa na marcação de categorias gramaticais, especialmente no domínio aspectual e modal. Os movimentos labiais podem indicar nuances como intensidade, esforço, duração, repetição ou rapidez de uma ação, incorporando ao sinal principal informações que, em línguas orais, frequentemente exigiriam recursos adicionais, como advérbios ou modificações prosódicas (Nascimento; Freitas Jr., no prelo). Em nosso entendimento, essa integração simultânea de informações contribui para a eficiência comunicativa das línguas de sinais, uma vez que permite a condensação de múltiplos significados em uma única unidade articulatória complexa.

No plano discursivo-pragmático, a boca também desempenha papel relevante (Pêgo, 2023; Bauer; Kyuseva, 2022; Fontana, 2008). Identifica-se que certos padrões labiais estão associados à expressão de atitudes do falante, avaliações subjetivas, ironia, surpresa ou envolvimento emocional. Nesse sentido, sua função aproxima-se da prosódia nas línguas orais-auditivas, na medida em que contribui para a organização da interação e para a interpretação contextual dos enunciados. A articulação entre diferentes componentes não manuais, incluindo a boca, constitui, portanto, um mecanismo fundamental para a construção de sentidos que ultrapassam o nível estritamente proposicional.

Um dos equívocos mais recorrentes na interpretação desses fenômenos consiste em reduzir os movimentos da boca a uma forma de “pronúncia silenciosa” de palavras da língua oral-auditiva majoritária. Embora empréstimos desse tipo existam e sejam relevantes em determinados contextos, eles não esgotam a função da boca nas línguas de sinais, visto que grande parte dos movimentos labiais não corresponde diretamente a unidades

lexicais da língua oral-auditiva, sendo, ao contrário, elementos próprios da gramática da língua sinalizada (Pêgo, 2023). Tal constatação reforça a autonomia estrutural dessas línguas e evidencia que sinalizar não equivale a “falar sem som”, mas a operar em um sistema linguístico distinto, com recursos e possibilidades multimodais próprias.

Ademais, a centralidade da simultaneidade nesse processo constitui uma das contribuições mais significativas das línguas de sinais para a linguística geral. Modelos teóricos desenvolvidos com base em línguas orais-auditivas tendem a privilegiar a linearidade temporal como princípio organizador da linguagem, apesar de haver estudos que identifiquem a multimodalidade nessas línguas, como já mencionamos. As línguas sinalizadas, por sua vez, demonstram que a linguagem humana pode explorar de forma sistemática a distribuição paralela de informação. Assim, enquanto as mãos podem expressar o conteúdo lexical principal, o rosto pode indicar o tipo de sentença, o corpo pode organizar relações espaciais e a boca pode acrescentar nuances aspectuais e avaliativas.

Desse modo, compreender as línguas de sinais para além de sua dimensão visual-espacial implica reconhecer que sua estrutura é, essencialmente, corporal, integrada e simultânea. Nessa perspectiva, acreditamos que uma análise verdadeiramente multimodal demanda que se considerem, de forma articulada, não apenas os aspectos manuais, mas também os chamados componentes não manuais, como expressões faciais, movimentos de cabeça e tronco, direcionamento do olhar e, de modo particularmente relevante, as ações da boca, uma vez que esses diferentes recursos semióticos não operam de maneira acessória ou redundante, mas gramatical.

É nesse quadro que o *mouthings* e o *mouth gesture* devem ser compreendidos: não como elementos externos ou meramente derivados das línguas orais-auditivas, mas como parte de um repertório multimodal mais amplo, que pode desempenhar funções distintivas, gramaticais e discursivas. Assim, defendemos que uma abordagem multimodal das línguas de sinais implica, necessariamente, deslocar o foco de uma visão segmentada da língua para uma concepção integrada de entendimento da interação entre forma e sentido, na qual corpo, espaço e tempo se articulam de maneira dinâmica e indissociável.

Aspectos teórico-metodológicos para o estudo de ações-boca na perspectiva multimodal

Como dissemos anteriormente, a incorporação da multimodalidade aos estudos linguísticos tem frequentemente sido interpretada, no âmbito das línguas de sinais, como um reconhecimento de sua natureza visual-espacial. No entanto, tal formulação, embora avance em relação a concepções necessariamente oralistas da linguagem, ainda permanece insuficiente. Nesse sentido, o fenômeno das ações-boca constitui um ponto privilegiado para problematizar abordagens simplificadoras e propor uma concepção mais robusta de análise multimodal, o que demonstraremos a partir de usos de pronomes interrogativos.

Para o contexto da presente discussão, retomamos o estudo de Pêgo (2023), que oferece uma contribuição relevante ao descrever sistematicamente as chamadas ações-boca, englobando morfemas-boca, gestos-boca e articulações-boca, como componentes verificáveis nas línguas de sinais. Na medida em que enfatiza que tais elementos integram o sistema linguístico e não devem ser tratados como meramente expressivos, a autora reforça a centralidade dos marcadores não manuais na constituição do significado. De modo particularmente importante, Pêgo (2023) argumenta que as articulações-boca resultam do contato entre línguas de modalidades distintas, configurando-se como um fenômeno de interface entre a língua de sinais e a língua oral-auditiva circundante, um ponto que, indubitavelmente, se mostra relevante à nossa discussão.

Contudo, embora essa caracterização seja empiricamente consistente, entendemos que ela abre espaço para uma problematização teórica mais ampla, visto que, ao situar o *mouthings* prioritariamente como efeito do contato linguístico, corre-se o risco de reinscrever, ainda que indiretamente, uma hierarquia modal em que a língua oral-auditiva figura como fonte e a língua de sinais como sistema que incorpora e/ou adapta tais elementos. A nosso ver, essa leitura pode obscurecer um aspecto fundamental: as articulações-boca não são apenas traços importados de outra modalidade, mas unidades que se reconfiguram no interior da gramática das línguas de sinais e que adquirem

propriedades próprias, frequentemente desvinculadas de sua origem fonética na língua oral-auditiva.

Os próprios dados apresentados por Pêgo (2023) apontam nessa direção. A autora observa, por exemplo, que articulações-boca podem sofrer processos de lexicalização e gramaticalização, afastando-se progressivamente de sua relação transparente com a língua oral-auditiva. Além disso, Pêgo (2023) indica haver evidências de que crianças surdas adquirem esses padrões mesmo sem domínio da língua oral-auditiva, o que sugere que tais elementos já se encontram integrados ao sistema linguístico das línguas de sinais, e não dependem exclusivamente de transferência intermodal, conforme também debatem Fontana (2008), Giustolisi, Mereghetti e Cecchetto (2017) e Bauer e Kyuseva (2022). Esse dado é particularmente significativo, pois indica que a multimodalidade não se limita à justaposição de códigos distintos; à luz do enquadramento teórico que defendemos, ela envolveria processos de integração cognitiva que produzem novas unidades simbólicas (i.e. construções).

Em nosso entendimento, é nesse ponto que a noção de multimodalidade precisa ser radicalizada. Em vez de compreender as línguas de sinais como “visuais” em oposição às línguas “orais”, torna-se mais produtivo concebê-las como sistemas corporificados, nos quais diferentes modalidades perceptivas e motoras são articuladas de forma coordenada. O *mouthings*, nesse sentido, não deve ser interpretado apenas como resquício da oralidade, mas como evidência de que a linguagem humana opera por meio de redes multimodais que atravessam e integram diferentes experiências sensoriais.

Essa perspectiva encontra respaldo, inclusive, em passagens do próprio trabalho de Pêgo (2023), quando a autora reconhece que as articulações-boca refletem uma interpretação visual-vibracional da língua oral por parte dos sujeitos surdos. Tal formulação é particularmente instigante, visto que desloca o foco da origem do fenômeno, a língua oral-auditiva, para o modo como ele é reconfigurado na experiência perceptiva do sujeito sinalizante. Em outras palavras, não se trata de uma simples reprodução da fala, mas de uma reconstrução multimodal que envolve processos cognitivos de domínio geral, como a associação transmodal, a analogia, a categorização e a memória enriquecida (Bybee, 2010).

Assim, defendemos que o *mouthings* pode ser compreendido como um caso paradigmático de integração multimodal: ele evidencia que elementos tradicionalmente

associados ao canal oral-auditivo podem ser reinterpretados e reinscritos em um sistema visual-corporal, sem que isso implique dependência estrutural, dado que o que se observa é a emergência de formas híbridas, incapturáveis por dicotomias como oral vs. gestual, ou visual vs. auditivo.

Além disso, outro aspecto relevante diz respeito à simultaneidade. Como destacado por Pêgo (2023), as ações-boca coocorrem com sinais manuais de maneira temporalmente alinhada e funcionalmente integrada. Parece plausível afirmar que essa simultaneidade amplia a densidade informacional da sinalização e evidencia que diferentes canais semióticos operam em paralelo, contribuindo conjuntamente para a construção do significado a partir de interações formais de duas modalidades distintas. Em uma perspectiva multimodal, isso implica reconhecer que a unidade linguística não é linear, mas distribuída, isto é, composta por múltiplos elementos que se realizam simultaneamente em diferentes partes do corpo.

No entanto, também é preciso entender que uma análise verdadeiramente multimodal e baseada no uso exige ir além da descrição dos articuladores e considerar os processos cognitivos subjacentes. Nesse sentido, o *mouthings* poderia ser interpretado como parte de construções multimodais, conforme proposto por Zima (2025), nas quais diferentes recursos, manuais e não manuais, são integrados em unidades convencionais de forma e significado. Nessa perspectiva, posto que certas articulações de boca se distanciam de suas formas de origem nas línguas orais-auditivas e passam a operar segundo princípios organizacionais próprios das línguas de sinais (Pêgo, 2021; 2023), o *mouthings* funcionaria como um componente indispensável dessas construções e contribuiria sistematicamente para a codificação de distinções lexicais, gramaticais e pragmáticas.

Diante desse quadro, propõe-se que uma análise multimodal das línguas de sinais considere, ao menos, três dimensões interdependentes, a saber: (i) a dimensão articulatória, que envolve a descrição dos aspectos manuais e não manuais; (ii) a dimensão cognitiva, que diz respeito aos processos de integração formal e construção de significado; e (iii) a dimensão sociocultural, que abrange práticas discursivas, identidades⁴ e contextos de uso.

⁴ Utilizamos o termo “identidades” não necessariamente em seu sentido amplo, mas restrito às especificidades de sujeitos surdos, que podem ou não ser oralizados e/ou usuários de línguas de sinais desde a infância.

Todos esses níveis nos permitem afirmar que a multimodalidade das línguas de sinais vai muito além de sua visualidade, conforme debatemos na seção anterior. Por essa razão, o estudo das ações-boca/*mouthings*, relacionadas ao contato entre línguas de sinais e línguas orais-auditivas, e dos gestos-boca/*mouth gestures*, de natureza mais propriamente línguo-específica, pode revelar que a linguagem humana não se ancora em um único canal semiótico, já que tais elementos evidenciam que a construção do significado emerge da integração dinâmica entre diferentes articuladores, os quais participam ativamente da organização linguística da sinalização.

No contexto desta investigação, ainda em caráter inicial, partimos da hipótese de que os pronomes interrogativos da Libras, aqui chamados de QU-CxN, constituem construções multimodais, nas quais componentes manuais e não manuais são integrados de forma sistemática na configuração da construção. Nessa perspectiva, assumindo que *mouthings* e *mouth gestures* não correspondem a elementos periféricos ou meramente expressivos da sinalização, mas podem integrar, em diferentes graus de convencionalização, o polo formal das construções interrogativas, de modo a refletir padrões recorrentes emergentes do uso linguístico e da coordenação intermodal característica das línguas de sinais.

O *corpus* da pesquisa é composto por uma entrevista espontânea com duração de 53 minutos e 7 segundos, veiculada no episódio nº 2 do *LibrasCast* (2023), disponível na plataforma *YouTube*⁵. A interação envolve três participantes, dois sinalizantes surdos e um sinalizante ouvinte proficiente em Libras, configuração que favorece a observação de ocorrências produzidas em contexto comunicativo naturalístico. Diferentemente de dados extraídos de dicionários, listas lexicais ou tarefas controladas de elicitación, a entrevista do *LibrasCast* constitui uma situação comunicativa espontânea, marcada pela interação natural entre os participantes. Tal característica amplia significativamente o valor analítico do material, sobretudo em investigações voltadas à multimodalidade, uma vez que dados produzidos em contextos naturais preservam aspectos prosódicos, pragmáticos e interacionais.

Trata-se de um uso, portanto, para se referir à pluralidade (sócio)linguística verificada nas comunidades surdas, como discutem Nascimento (2025) e Perlin (2010).

⁵ Disponível em: www.youtube.com/@LibrasCastOficial.

Inicialmente, procedeu-se ao levantamento exaustivo de todas as ocorrências de pronomes interrogativos registradas ao longo da interação. Para cada ocorrência, foi analisada a presença ou ausência de ações da boca associadas à realização manual do sinal, buscando identificar padrões recorrentes de coocorrência entre os pronomes interrogativos e os recursos articulatórios não manuais. As ações da boca identificadas foram classificadas conforme sua natureza e função linguística, tomando como referência a tipologia proposta por Pêgo (2021, 2023), distinguindo-se, sempre que pertinente, *mouthings* e *mouth gestures*. Em seguida, investigou-se a distribuição dessas ações em relação aos diferentes pronomes interrogativos, verificando se determinadas configurações multimodais podem apresentar maior recorrência ou especialização funcional.

Além da classificação funcional das ações-boca, analisou-se a sincronização temporal entre os componentes manuais e não manuais, observando-se o momento de início, a duração relativa e o término das ações da boca em relação à produção manual do pronome interrogativo⁶. Essa etapa permitiu examinar inicialmente o grau de integração temporal entre as modalidades articulatórias, aspecto considerado central para a caracterização de construções multimodais sob uma perspectiva baseada no uso.

Por fim, os resultados foram interpretados à luz da hipótese de que a recorrência, a sistematicidade e a coordenação temporal entre pronomes interrogativos e ações-boca constituem evidências de que *mouthings* e *mouth gestures* podem participar da organização formal das construções interrogativas da Libras. Dessa forma, embora não exaustiva, a análise busca contribuir para uma compreensão mais cuidadosa da multimodalidade nas línguas de sinais.

Pronomes interrogativos em Libras: a boca importa?

Diante das considerações feitas até então, passamos à análise inicial de usos de pronomes interrogativos em Libras. O que aqui apresentamos se trata de uma investigação

⁶ A análise da sincronização temporal foi realizada por meio de observação direta e repetida das ocorrências no vídeo, sem o emprego de softwares específicos de anotação ou análise multimodal. Assim, as relações temporais descritas neste estudo possuem caráter qualitativo e relativo, tendo por objetivo identificar padrões de coocorrência e coordenação entre componentes manuais e não manuais, e não realizar mensurações temporais de alta precisão.

exploratória, de natureza qualitativa, que busca identificar possíveis correlações entre os usos de pronomes interrogativos e as ações da boca (*mouthings* e *mouth gestures*) na produção sinalizada de surdos, em direção a uma caracterização multimodal dessas construções.

Cabe ressaltar que os resultados desta análise não devem ser interpretados como evidências categóricas ou generalizáveis para a gramática da Libras como um todo, uma vez que se baseiam em um *corpus* específico e em um recorte analítico delimitado. Nessa medida, as regularidades identificadas são compreendidas como indícios de padrões de uso, cuja consolidação demanda a análise de *corpora* mais amplos e diversificados. Ainda assim, tais achados dialogam com a literatura discutida ao longo deste trabalho, que tem demonstrado a recorrência sistemática de *mouthings* e *mouth gestures* em diferentes línguas de sinais, indicando que a integração entre componentes manuais e não manuais constitui um fenômeno amplamente atestado.

Assim, embora os resultados aqui apresentados não permitam generalizações sobre toda a Libras, eles oferecem evidências iniciais que corroboram a hipótese de que essas ações da boca desempenham um papel linguístico relevante na organização multimodal das construções interrogativas. Em 53m07s minutos de interação, foram percebidas 64 ocorrências de pronomes interrogativos na sinalização dos três participantes da entrevista. Tais casos foram referentes a usos de (1) COMO, (2) O-QUÊ, (3) ONDE, (4) PARA-QUÊ, (5) PORQUE, (6) QUEM ~ Q-U-M.

A análise realizada identificou que todas as ocorrências desses interrogativos encontravam-se acompanhadas de algum tipo de ação-boca, categorizada, no *corpus*, como *mouthing* ou *mouth gesture*, de acordo com a proposta de Pêgo (2021; 2023). A frequência elevada e a distribuição relativamente consistente dessas ações-boca indicam que tais elementos podem ser participantes ativas da organização linguística das construções interrogativas em Libras. Embora a literatura sobre línguas de sinais já reconheça há décadas a importância dos componentes não manuais para a constituição gramatical dessas línguas, como dissemos em seção anterior, os resultados observados a partir deste conjunto de dados coletados da entrevista permitem avançar uma discussão específica acerca da integração sistemática entre elementos manuais e ações da boca em construções interrogativas.

Com efeito, mais do que ocorrências episódicas de *mouthings* ou de *mouth gestures*, o *corpus* evidencia padrões recorrentes de coocorrência entre palavras QU- e diferentes tipos de movimento da boca, o que pode ser um indicativo da existência de esquemas construcionais multimodais relativamente estabilizados, além de produtivos. Conforme Goldberg (2006; 2019) e Bybee (2010), o uso reiterado de determinadas associações entre forma e significado favorece processos de entrenchment cognitivo e fortalece redes construcionais, na medida em que permite a formação de esquemas mais abstratos. Nesse sentido, podemos compreender que a presença categórica de articulações-boca associadas aos interrogativos sugere que os sinalizantes internalizam tais combinações como parte integrante das construções interrogativas da língua.

Essa interpretação torna-se ainda mais relevante quando considerada à luz das discussões recentes sobre multimodalidade, como debatemos na segunda seção. No caso específico das línguas de sinais, como a Libras, essa perspectiva parece especialmente produtiva, pois, diferentemente das línguas orais-auditivas, as línguas sinalizadas distribuem informação linguística em múltiplos articuladores simultaneamente, conforme se verifica nos dados, os quais são sugestivos de que os interrogativos em Libras constituem um terreno particularmente fértil para esse tipo de integração multimodal.

Entre os itens observados, O-QUÊ apresenta comportamento especialmente interessante. Trata-se de um interrogativo frequente no *corpus*, representando 25% das ocorrências, e daquele que exibe maior estabilidade quanto ao tipo de ação-boca associada: em 50% ocorrências, o sinal aparece acompanhado de *mouthing*; em outras 50%, de *mouth gesture*. Apesar de este trabalho não se caracterizar por uma análise de *corpora* exaustiva em termos quantitativos, acreditamos que essa alternância pode indicar a existência de diferentes graus de convencionalização, ou mesmo de especialização pragmática, de modo que, em perspectiva construcional, tal variabilidade não deve ser interpretada como irregularidade aleatória, mas como provável evidência de uma rede de construções relacionadas entre si.

Inclusive, a noção de rede construcional, ou *constructicon*, é particularmente útil para compreender esse fenômeno. Conforme defendido por Goldberg (2006) e Croft (2001), construções não constituem unidades isoladas, mas elementos interconectados em sistemas graduais de abstração. Dessa maneira, diferentes realizações multimodais de

O-QUÊ podem representar subesquemas construcionais parcialmente relacionados, compartilhando propriedades semânticas e funcionais, mas divergindo quanto a aspectos pragmáticos, discursivos ou interacionais, o que poderia explicar, em algum grau, as ocorrências tanto de *mouth* quanto de *mouth gesture*.

Essa alternância entre *mouth* e *mouth gesture* pode refletir, por exemplo, diferenças de ênfase, intensidade interrogativa, envolvimento emocional, monitoramento discursivo ou grau de alinhamento interacional entre os participantes da entrevista. Ainda que o presente estudo tenha caráter exploratório, os dados parecem sugerir que os componentes envolvendo a boca não são distribuídos de maneira arbitrária, mas participam ativamente da configuração multimodal da construção interrogativa, algo que pode vir a ser testado pela via experimental *a posteriori*.

A respeito do comportamento de PORQUE (37,50% dos dados) destacamos que, embora o interrogativo apresente algumas ocorrências associadas a *mouth gesture* (25%), há predominância clara de *mouth* (75%), o que pode indicar maior estabilização multimodal desse uso. Diferentemente de O-QUE, cuja estabilidade parece mais ampla, PORQUE demonstra associação mais recorrente com movimentos articulatorios próximos ao *mouth* lexicalizado. A nosso ver, uma possível interpretação para esse fenômeno relaciona-se ao caráter semântico-discursivo de PORQUE: trata-se de um interrogativo frequentemente vinculado à solicitação de justificativas, explicações e relações causais, contextos que podem demandar maior explicitude semântica e maior apoio perceptual. Nesse sentido, a ação-boca pode funcionar como recurso adicional de saliência que reforça a interpretação interrogativa e contribui para a delimitação pragmática do enunciado.

Algo semelhante também é notado no uso de COMO (70,83% dos dados), que apresenta comportamento ainda mais regular, sendo a maior parte das ocorrências associada a *mouth* (82,35%), fazendo com que o padrão multimodal envolvendo COMO pareça mais previsível e menos variável que aquele observado em O-QUÊ. No contexto da nossa investigação, essa regularidade se mostra teoricamente relevante, uma vez que reforça a hipótese de que certos interrogativos em Libras recrutam sistematicamente a articulação-boca como parte de sua constituição construcional.

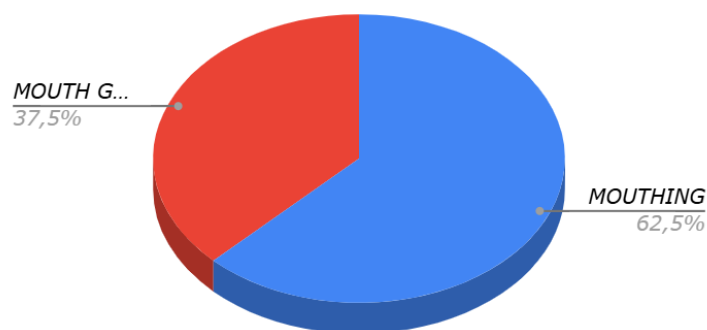
Não se trata, portanto, de mera simultaneidade ocasional entre sinal manual e ação-boca, mas da possível existência de construções multimodais relativamente

convencionalizadas no *constructicon* da língua. Por isso, a noção de convencionalização é central aqui, dado que, em GC, construções são compreendidas como pareamentos convencionizados de forma e significado, de maneira que quando os dados revelam recorrência categórica de determinados elementos multimodais associados a funções específicas, torna-se plausível considerar que tais elementos integrem a própria representação linguística da construção, composta por inputs de modalidades em contato.

Os casos de QUEM ~ Q-U-M, ONDE e PARA-QUÊ, que juntos representam 29,16% dos dados⁷, também oferecem observações relevantes. Embora o *corpus* apresente poucas ocorrências desses interrogativos, observa-se que QUEM ~ Q-U-M e PARA-QUÊ ocorreram exclusivamente acompanhados de *mouth gesture*, enquanto a única ocorrência de ONDE foi produzida com *mouthing*. Ainda que a reduzida frequência desses itens impeça generalizações mais robustas, tais dados endossam a discussão a respeito de que diferentes interrogativos podem apresentar tendências distintas quanto ao recrutamento de ações-boca na sinalização, algo que reforça a hipótese de que esses elementos participam de maneira sistemática da configuração multimodal das construções interrogativas em Libras.

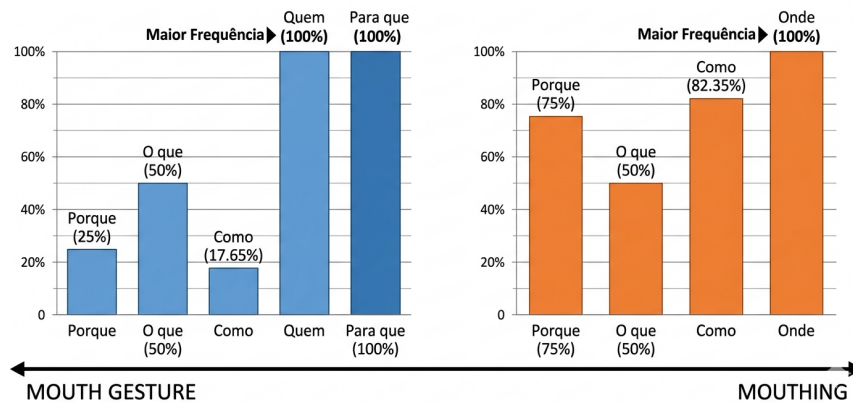
Ademais, de maneira geral, no que diz respeito aos tipos de ações-boca identificados no *corpus*, observa-se as seguintes distinções:

Gráfico 1. Tipos de ações-boca encontrados na amostra



Fonte: Elaboração própria.

⁷ ONDE: 4,16%; PARA-QUÊ: 4,16%; QUEM ~ Q-U-M: 20,83%.

Gráfico 2. Distribuições dos interrogativos por tipo de ações-boca

Fonte: Elaboração própria.

A partir dessa observação, entendemos que seja possível considerar que *mouthings* e *mouth gestures* podem sinalizar dimensões distintas, ainda que complementares, da multimodalidade nas línguas de sinais. Os *mouthings*, por apresentarem relação mais direta com itens lexicais da língua oral-auditiva majoritária, podem funcionar como indícios de contato linguístico entre a Libras e o PB, evidenciando atravessamentos interlinguísticos e práticas bilíngues que emergem na sinalização. Já os *mouth gestures*, por serem entendidos como elementos naturais e constitutivos das línguas de sinais (cf. Pêgo, 2023), parecem aproximar-se de mecanismos mais amplos do sistema multimodal humano, comportando-se de maneira semelhante aos gestos que acompanham a fala em línguas orais-auditivas. Nesse sentido, independentemente da distinção funcional entre *mouthing* e *mouth gesture*, ambos apontam para a necessidade de compreender a sinalização como uma prática inerentemente multimodal, na qual diferentes articuladores corporais atuam conjuntamente.

Com efeito, em vez de compreender componentes manuais e não manuais como níveis independentes, os dados apontam para forte integração entre diferentes articuladores, fazendo com que as construções interrogativas emergjam como unidades multimodais complexas e parcialmente convencionizadas. Embora os resultados aqui discutidos possuam caráter inicial e exploratório, eles oferecem evidências relevantes para futuras investigações quantitativas e qualitativas sobre interrogativos em Libras, incluindo comparações entre gêneros discursivos, expansão do *corpus* e análise das possíveis

correlações entre tipos específicos de ações orais e funções pragmáticas. Ainda assim, mesmo em caráter preliminar, a recorrência consistente de ações-boca associados às palavras QU-, bem como o amplo debate que integra a literatura especializada, já permite sustentar a hipótese de que tais elementos participam da constituição construcional dessas unidades linguísticas, o que reforça perspectivas multimodais e baseadas no uso nos estudos sobre a Libras.

Sob essa perspectiva, a GC multimodal pode oferecer um enquadramento teórico particularmente profícuo para a descrição da Libras e de outras línguas de sinais, tendo em vista que permite compreender as construções como pareamentos convencionais entre forma e significado que emergem da integração/do contato intermodal. Conforme debatemos e observamos, nas línguas de sinais essa integração ultrapassa a articulação manual e envolve, de maneira sistemática, outros recursos que podem desempenhar funções linguísticas específicas e recorrentes, os quais, em vez de serem concebidos como elementos acessórios ou exclusivamente paralinguísticos, passam a ser analisados como partes constitutivas do polo formal das construções, cuja convencionalização decorre da recorrência do uso e da experiência compartilhada pelos sinalizantes.

Considerações finais

As discussões desenvolvidas ao longo deste artigo permitiram evidenciar que a multimodalidade, quando compreendida como um princípio constitutivo da comunicação humana, impõe desafios importantes aos modelos comumente empregados na análise das línguas de sinais. Nesse sentido, argumentamos que a simples caracterização dessas línguas como sistemas visuais-espaciais não é suficiente para explicar a complexidade dos processos multimodais mobilizados na sinalização, uma vez que tal descrição tende a privilegiar apenas o canal manual de realização da língua, sem necessariamente contemplar a articulação funcional entre diferentes domínios, inclusive aqueles que envolvem o recrutamento da boca para a expressão do *mouth* ou de *mouth gesture*.

A partir do diálogo com os estudos da multimodalidade na perspectiva dos MBU, buscamos demonstrar que as línguas de sinais podem, e talvez devam, ser investigadas para além da delimitação estrita entre componentes considerados “linguísticos” e

elementos frequentemente tratados como periféricos, acessórios ou exclusivamente gestuais. Sob essa perspectiva, a hipótese de que determinados recursos corporais da sinalização possam desempenhar funções comparáveis às atribuídas aos gestos co-verbais nas línguas orais-auditivas permite deslocar a discussão para um terreno teoricamente mais produtivo, no qual a produção linguística de sinalizantes passa a ser entendida como resultado da coordenação dinâmica e intermodal.

Os casos discutidos neste trabalho, relativos aos pronomes interrogativos em Libras, ainda que analisados de maneira inicial e qualitativa, apontam para a pertinência dessa problematização. A nosso ver, as ocorrências examinadas sugerem que as ações-boca não atuam apenas como acompanhamentos expressivos da sinalização, mas podem integrar formal e funcionalmente as construções interrogativas. Isso indica a necessidade de modelos analíticos capazes de descrever com maior precisão as relações entre convencionalização linguística, uso situado e recursos corporificados envolvendo a boca na interação sinalizada.

Ao mesmo tempo, entendemos que essa discussão não implica dissolver as fronteiras entre língua e gesto, nem abandonar a especificidade estrutural das línguas de sinais enquanto línguas humanas. Antes, trata-se de reconhecer que tais fronteiras talvez sejam mais dinâmicas e funcionalmente graduais do que frequentemente pressupõem determinadas abordagens descritivas. Assim, pensar a multimodalidade na sinalização demanda um deslocamento teórico que considere não apenas os aspectos gramaticais tradicionalmente descritos, mas também a integração entre domínios distintos que co-ocorrem na experiência linguística de surdos.

Por fim, acreditamos que as reflexões aqui apresentadas podem contribuir para o fortalecimento de uma agenda de pesquisa voltada à multimodalidade em línguas de sinais, especialmente no contexto brasileiro, em que esse debate ainda se encontra em processo de consolidação. Estudos futuros poderão aprofundar empiricamente as hipóteses aqui levantadas, ampliando o escopo de análise para diferentes fenômenos linguísticos, gêneros discursivos e contextos interacionais, bem como investigando de modo mais sistemático os limites, as funções e os graus de convencionalização do recrutamento da boca na sinalização. Por tal razão, nesse horizonte, compreender a comunicação sinalizada em sua complexidade multimodal talvez represente um avanço que não se limita aos estudos das

línguas de sinais, uma vez que também contribui para as teorias contemporâneas da linguagem humana.

Referências

- BAHAN, B. J. **Non-manual realization of agreement in American Sign Language**. 1996. Tese (Doutorado). Boston University, Boston, 1996.
- BATTISON, R. M. American Sign Language linguistics 1970-1980: memoir of a renaissance. In: EMMOREY, K.; LANE, H. L. **The signs of language revisited: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima**. New York: Psychology Press, 2013. p. 5-14.
- BATTISON, R. Signs have parts: a simple idea. In: VALLI, C.; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. Gallaudet University: Washington, 1995, pp. 231-252.
- BAUER, A. **How words meet signs: a corpus-based study on variation of mouthing in Russian Sign Language**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2018.
- BAUER, A.; KYUSEVA, M. New insights into mouthings: evidence from a corpus-based study of Russian Sign Language. **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 12, p. 779-958, 2022.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CIENKI, A. Cognitive Linguistics, gesture studies, and multimodal communication. **Cognitive Linguistics**, Berlin, v. 27, n. 4, p. 603-618, 2016.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- EMMOREY, K.; KLIMA, E.; HICKOK, G. Mental rotation within linguistic and non-linguistic domains in users of American Sign Language. **Cognition**, Amsterdam, v. 68, n. 3, p. 221-246, 1998.
- FONTANA, S. Mouth actions as gesture in sign language. **Gesture**, Amsterdam, v. 8, n. 1, p. 104-123, 2008.
- FORCEVILLE, C. Multimodality. In: XU, W.; TAYLOR, J. R. **The Routledge handbook of cognitive linguistics**. London: Routledge, 2021. p. 676-687.
- GIUSTOLISI, B.; MEREGHETTI, E.; CECCHETTO, C. Phonological blending or code mixing? Why mouthing is not a core component of sign language grammar. **Natural Language & Linguistic Theory**, Dordrecht, v. 35, n. 2, p. 347-365, 2017.

GOLDBERG, A. E. **Explain me this**: creativity, competition, and the partial productivity of constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GROSJEAN, F. The production of sign language: psycholinguistic perspectives. **Sign Language Studies**, Chicago, v. 25, n. 1, p. 317–329, 1979.

HICKOK, G.; BELLUGI, U.; KLIMA, E. S. Sign language in the brain. **Scientific American**, New York, v. 284, n. 6, p. 58–65, 2001.

HOFFMANN, T. Multimodal construction grammar: from multimodal constructs to multimodal constructions. In: XU, W.; TAYLOR, J. R. **The Routledge handbook of cognitive linguistics**. London: Routledge, 2021. p. 78–92.

JANZEN, T.; SHAFFER, B. (Org.). **Signed language and gesture research in cognitive linguistics**. Berlin: Walter de Gruyter, 2023.

KENNEALLY, C. **The first word**: the search for the origins of language. New York: Penguin Group, 2007.

LADEWIG, S. **Integrating gestures**: the dimension of multimodality in cognitive grammar. Berlin: Walter de Gruyter, 2020.

LEPIC, R.; OCCHINO, C. A construction morphology approach to sign language analysis. In: AUDRING, J.; MASINI, F. (org.). **The construction of words**: advances in construction morphology. Cham: Springer International Publishing, 2018. p. 141–172.

LISBOA, A.; AVELAR, M. Os gestos e a direção do olhar em uma narrativa multimodal: uma análise sobre a comunicação não verbal. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 199–213, 2022.

NASCIMENTO, J. P. da S. **Padrões de composição emergentes em línguas de sinais**: uma análise comparativa em perspectiva construcional. 2025. 300f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) — Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

NASCIMENTO, J. P. da S.; FREITAS JR., R. de. Você sabia que a boca também desempenha um papel importante nas línguas de sinais? Porque olhar apenas para as mãos pode nos fazer perder metade da língua. **Revista Nós da Linguística (ISSN: 3086-2086)**. No prelo.

PÊGO, C. Ações-boca: morfemas-boca, articulação-boca e gestos-boca. In: QUADROS, R. M. de et al. **A gramática da Libras**. Rio de Janeiro: INES, 2023. v. 1, p. 237–302.

PÊGO, C. **Articulação boca na Libras**: um estudo tipológico, semântico e funcional. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

PINHEIRO, P. Da linguística saussuriana à semiótica social: o conceito de multimodalidade sob escrutínio. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 63, n. 2, p. 396–411, 2024.

SCHEMBRI, A.; CORMIER, K.; FENLON, J. Indicating verbs as typologically unique constructions: reconsidering verb “agreement” in sign languages. **Glossa**, London, v. 3, n. 1, p. 89, 2018.

SCHOONJANS, S. Multimodal construction grammar issues are construction grammar issues. **Linguistics Vanguard**, Berlin, v. 3, n. s1, p. 20160050, 2017.

STOKOE, W. C. Problems in sign language research. In: SCHLESINGER, I. M.; NAMIR, L. (ORG.). **Sign Language of the Deaf**: Psychological, Linguistic, and Sociological Perspectives. US: Academic Press, 1978. p. 365-378.

STOKOE, W. C. **Sign language structure**: an outline of the visual communication systems of the American deaf. Buffalo: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960. (Studies in Linguistics: Occasional Papers, 8).

SUWEI, W. Studies on multimodal construction grammar: theoretical motivation, research framework, and prospects. **Journal of Beijing International Studies University**, Beijing, v. 44, n. 2, p. 96–110, 2022.

TURNER, M. B. The role of creativity in multimodal construction grammar. **Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik**, Berlin, v. 66, n. 3, p. 357–370, 2018.

WILCOX, S.; MARTÍNEZ, R.; SIYAVOSHI, S. **Signed language and cognitive grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2024, 108p.

ZIEM, A. Do we really need a multimodal construction grammar? **Linguistics Vanguard**, Berlin, v. 3, n. s1, p. 20160095, 2017.

ZIMA, E. **Multimodal construction grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2025.

ZIMA, E.; BERGS, A. Multimodality and construction grammar. **Linguistics Vanguard**, Berlin, v. 3, n. s1, p. 1006, 2017.

Sobre o autor

João Paulo da Silva Nascimento

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8392-4265>

Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UERJ, com estágio de pós-doutorado no PPGLIN/UFRJ em desenvolvimento. É Professor Adjunto do Departamento de Estudos da Linguagem do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.